

Cientistas pedem cautela sobre polilaminina, molécula testada no tratamento de lesões medulares

Em editorial conjunto, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e Academia Brasileira de Ciências apontam lições com a repercussão da pesquisa

Por Gabriel Damasceno

Nas últimas semanas, a polilaminina, molécula desenvolvida por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para tratar lesões medulares, ganhou destaque na mídia e nas redes sociais. Cientistas, no entanto, pedem cautela e alertam para o risco de se confundir uma pesquisa ainda em fase experimental com um medicamento de aplicação clínica já consolidado.

Em um editorial conjunto no Jornal da Ciência, Francilene Procópio Garcia, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e Helena Bonciani Nader, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), afirmam que o caso da polilaminina “ganhou projeção no debate público brasileiro não apenas por sua dimensão científica, mas também por suas implicações institucionais, regulatórias e de política de inovação.”

Para elas, a trajetória da pesquisa revela tensões do sistema brasileiro de ciência, tecnologia e inovação, especialmente em temas como propriedade intelectual, validação científica, comunicação com o público e a conexão entre produção científica e políticas de saúde.

Cautela sobre resultados

Em janeiro deste ano, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizou o início de testes clínicos para avaliar a segurança da molécula. A medida gerou repercussão e foi sucedida por pedidos de acesso à polilaminina por via judicial.

Nesse sentido, o editorial faz um alerta sobre as expectativas exageradas em torno de uma tecnologia que ainda está em fase experimental. As cientistas destacam que “em áreas como neuroregeneração, o percurso entre descoberta científica,

validação pré-clínica, ensaios clínicos e eventual incorporação tecnológica é necessariamente longo, complexo e dependente de evidências acumulativas”.

“Nesse contexto, controvérsias científicas e institucionais não devem ser tratadas como anomalias, mas como parte inerente do funcionamento do sistema científico. Divergências metodológicas, questionamentos sobre evidências, debates sobre protocolos experimentais e discussões sobre validação são inerentes ao processo científico, especialmente em áreas inovadoras e de alta complexidade. O que o caso revela é a necessidade de fortalecer os mecanismos institucionais de avaliação científica, revisão por pares, transparência metodológica e governança da pesquisa, evitando que disputas científicas migrem prematuramente para arenas midiáticas ou judiciais sem a devida mediação técnico-científica”, escrevem.

Elas também defendem que é preciso deixar mais clara a diferença entre pesquisa básica, evidências já consolidadas e aplicação clínica e que há uma responsabilidade direta na forma como essas informações são comunicadas ao público, para evitar confusões ou interpretações equivocadas.

O editorial enfatiza ainda a necessidade de fortalecimento da medicina translacional, afirmando que, por mais que o Brasil tenha tradição na pesquisa básica, ainda carece de mecanismos que integrem universidades, hospitais e outras instituições.

“Mais do que uma controvérsia científica específica, a trajetória da polilaminina revela virtudes e fragilidades estruturais do modelo brasileiro de inovação em saúde. Entre as virtudes, destacam-se a capacidade científica instalada, o protagonismo das instituições públicas de pesquisa e o avanço institucional na proteção do conhecimento. Entre as fragilidades, evidenciam-se os desafios na validação clínica, na gestão estratégica da propriedade intelectual, na comunicação científica e na articulação entre ciência, regulação e inovação produtiva”, diz o editorial. Leia aqui o texto na íntegra.

<https://www.estadao.com.br/saude/cientistas-pedem-cautela-sobre-polilaminina-molecula-testada-no-tratamento-de-lesoes-medulares-nprm/>

Veículo: Online -> Portal -> Portal Estadão